

José Francisco Meirinhos

Escotistas portugueses dos séculos XIV e XV

separata de

L.A. DE BONI et al. (org.), *João Duns Scotus
(1308-2008). Homenagem dos scotistas lusófonos*,
Ed. EST, Porto Alegre 2008, pp. 330-347.



19

Escotistas portugueses dos séculos XIV e XV¹

No artigo da *Encyclopédie* dedicado aos escolásticos escreve-se sobre João Duns Escoto que *s'il falloit juger du mérite d'un professeur par le nombre de ses disciples, personne ne lui pourroit être comparé*². Apesar de lhe realçar o número de seguidores, o autor não tem grande apreço por Duns Escoto apresentado como *chef d'une secte qu'on connoît encore aujourd'hui sous le nom de Scotistes* e lamenta que no final desse século XVIII as suas argúcias ainda continuem a seduzir.

Ao longo dos séculos a influência de Duns Escoto é de facto notável e dá origem a um modo filiado de pensar *in via Scoti* ou *ad mentem Scoti*³, que os seguidores cultivam e difundem com zelo de escola. Algumas das suas posições circulam também anonimamente ou de modo subterrâneo, entre seguidores e adversários, com uma influência que se fez sentir de modo oscilante ao longo do tempo⁴, mas com particular revivescência no século XVII em simultâneo com a recuperação do interesse pela metafísica. Essa influência é já bem visível ao longo dos séculos XV e XVI impulsionada pela Ordem Franciscana, pelo estudo nas universidades e pela imprensa, onde as obras de Escoto encontraram um favorável meio de difusão.

Embora mantendo-se em geral no interior da família franciscana⁵, o “escotismo” assume grande diversidade⁶, desde logo porque engloba no seu *corpus* textual

* Universidade do Porto.

¹ Este estudo faz parte do programa de investigação sobre o aristotelismo e os peripatetismos em Portugal até ao século XVI, *Aristotelica Portugalsia*, do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e desenvolvido com financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, de Portugal.

² *Encyclopédie, ou Dictionnaire Raisoné des Sciences, des Arts et des Métiers*, dir. D. DIDEROT. Paris: 1751-1772 (1ª ed.) vol. 14 (1765), art. “Scholastiques”, p. 770-7, cfr. p. 775.

³ Vejam-se os títulos de algumas das obras a seguir citadas, ou os próprios títulos dos congressos escotistas, entre eles o último editado: SILEO, L. (ed.). 1995.

⁴ Cf. os dois fascículos sobre *Duns Scot au XVII^e siècle*, coordenados por BOULNOIS, O. 2002.

⁵ SCHMUTZ, J. (2002, p. 53-4) fala de um “escotismo interno” e de um “escotismo difuso” presentes ao longo dos séculos e em particular no século XVII, cujos cruzamentos procura. Nesse estudo veja-se a n. 1 da p. 55 com a recente bibliografia sobre a formação da “escola” escotista.

⁶ É sabido que na Ordem franciscana não ocorre uma adopção da obra e pensamento de Escoto semelhante à que acontecera na Ordem dominicana para o pensamento de Tomás de Aquino.

o trabalho de discípulos de Duns Escoto, como António de André (c. 1280 – c. 1335)⁷ ou Francisco de Mayronnes (c. 1285-c. 1328), entre muitos outros, que não carecem de originalidade e diferença face ao mestre em algumas questões. Essa intensidade de influência originou a própria agregação a Duns Escoto de obras do seu mestre e confrade Gonçalo Hispano (c. 1255-1313).

Para entender as modalidades e momentos da difusão do pensamento de Duns Escoto, neste estudo revisitam-se alguns dos autores portugueses que a ele têm sido associados bem como momentos e instituições relevantes para essa difusão nos séculos XIV e XV⁸. Após um século XIV onde nada temos de certo, André do Prado em Roma e o beato Amadeu da Silva em Roma e Milão são provavelmente, já na primeira metade do século XV, os primeiros onde é sensível a influência da escola escotista. Na última década do mesmo século XV Gomes de Lisboa em Pavia, Diogo Lopes Rebelo em Paris e Pedro da Cruz também em Paris, recorrem de modo explícito a Duns Escoto para resolver problemas filosóficos particulares.

A hipótese sobre Francisco de Coimbra

Fernando Félix Lopes, erudito historiador do franciscanismo português medieval⁹, cujos trabalhos sobre a história do escotismo em Portugal continuam largamente insuperados, colheu o indício da origem do escotismo em Portugal numa breve referência no *rotulus* que elenca os 84 franciscanos obrigados a abandonar o reino de França em 25-28 de Junho de 1303 por se recusarem a assinar o apelo do rei Filipe o Belo ao Concílio, contra Bonifácio VIII¹⁰. Duns Escoto estava entre os recalcitrantes e por isso teve que abandonar o reino, mas não sabemos para onde¹¹. O exílio foi de curta duração porque após a morte de Bonifácio e o levantamento do interdito com que fulminara a Universidade em resposta ao édito de Filipe, os franciscanos, pouco depois de Abril de 1304, estavam de regresso a Paris e à Universidade.

Entre os exilados estava um frei Francisco de Coimbra que, segundo Félix Lopes, teria seguido antes ou depois do exílio o curso das *Sentenças* de Escoto¹². Esta asserção precisava ser documentada, mas encadeando hipótese com hipótese, depressa passadas a certeza pelo seu encadeamento, o insigne historiador imagina este

⁷ Cf. PINI, G. 1995, vol. I, p. 375-89, que sublinha o papel de André na constituição de uma via escotista da interpretação de Aristóteles, usando nas suas obras extensas passagens de Duns Escoto, em particular da *Ordinatio*.

⁸ Para uma síntese geral cf. FREITAS, M. C. 1990, vol. II, col. 184-89 e PINHARANDA GOMES, J. 2004², p. 116-22.

⁹ Parte substancial dos seus trabalhos dispersos está recolhida em LOPES, F. F. OFM. *Colectânea de estudos de História e Literatura*, 3 vol., 1997. São de particular importância para o presente estudo (Indica-se a referência da primeira publicação e a da Colectânea): ID, 1985, p. 349-450 (1997, vol. II, p. 1-93); ID. 1947, p. 83-108 (1997, vol. II, p. 353-69); ID. 1951, p. 155-91 (1997, vol. II, p. 385-405); ID. 1979, p. 451-508 (1997, vol. II, p. 407-60); ID. 1966, p. 193-264 (1997, vol. II, p. 473-534); ID. 1967, p. 17-45 (1997, vol. II, p. 461-72).

¹⁰ Documento publicado em LONGPRÉ, E. 1928, p. 150.

¹¹ De entre a muita bibliografia, ver por exemplo SONDAG, G. 1996, p. 14.

¹² LOPES, F. F. 1967 (1997, vol. II, p. 464).

frei Francisco a regressar à sua escola de Coimbra “provido das *Reportationes* que nas aulas escrevera e entre elas portanto da *Reportata Parisiensia* do bacharel Duns Escoto de quem ouvira as *Sentenças*”, para logo a seguir o supor como colocado de professor em alguma das escolas da Custódia franciscana, que eram em Coimbra, Porto, Guimarães e Leiria, mas seguramente em Coimbra dada a importância da escola e do novo bacharel recém-regressado de Paris. A conclusão aparecia então óbvia, apoteótica e minuciosa: “E temos assim, logo por aqueles dias que se seguiram à docência de Duns Escoto em Paris, um seu discípulo, feito professor em Portugal, a ler pelas suas *Reportata Parisiensia*, em escola pública, as *Sentenças* que eram a disciplina central do curso de Teologia¹³”. Infelizmente todas e cada uma destas afirmações carecem de fundamento documental¹⁴. Para além de nada sabermos de concreto sobre este frei Francisco cujo nome aparece no *rotulus* de Paris, não sabemos para onde viajou, nem se terá ouvido as leituras de Duns Escoto, nem se alguma vez terá delas feito, copiado ou obtido a *reportatio*. Nem mesmo o que se sabe da difusão inicial das obras e do pensamento de Duns Escoto sustentam qualquer das hipóteses que Félix Lopes formulou sobre frei Francisco. Nem mesmo o estado das escolas portuguesas torna verosímil que aí se ensinasse mais do que o elementar das Artes.

De facto, a este frei Francisco de Coimbra aplica-se o que bem escreveu Félix Lopes para outros: “não sabemos de qualquer franciscano português que depois estudasse com algum mestre exclusivamente aferrado às doutrinas de Escoto¹⁵”. De facto teremos que esperar até às primeiras décadas do século XV para encontrarmos um português a citar João Duns Escoto¹⁶. Apesar de a Faculdade de Teologia da Universidade portuguesa ter sido criada pouco antes de 1400, também não será ainda aí que florescerão de imediato as leituras de Escoto, pelo menos que delas tenhamos conhecimento documentado, mesmo se seria expectável que pelo menos tal acontecesse nas escolas da Ordem Franciscana.

André do Prado

O franciscano André do Prado (Andreas de Prato) nasceu em Évora (~1380-†~1455) e estudou em Paris e Bolonha, foi mestre de Teologia na cúria Romana, tendo regressado a Portugal com idade avançada para ocupar a função de Provincial dos Franciscanos Observantes¹⁷. Entre as suas obras conta-se um comentário ao *Símbolo da fé*, sob a forma de diálogo entre um mestre e o Infante D. Henrique,

¹³ ID. *op. cit.*, p. 465.

¹⁴ Note-se que alguns anos antes do estudo citado, Félix Lopes dava frei Francisco como estudante de Gonçalo Hispano e com ele expulso de Paris, cf. ID. 1979 (1997, vol. II, p. 418).

¹⁵ ID. 1967 (1997, vol. II, p. 465).

¹⁶ Vejam-se as listas de mestres e escritores franciscanos nos estudos de Fernando Félix Lopes (LOPES, F. F. 1979; ID. 1966), que coligem todas as suas descobertas e as informações conhecidas à época.

¹⁷ Depois dos bibliógrafos, foi Fernando Félix Lopes a chamar a atenção para este autor, LOPES, F. F. 1951, p. 121-32; ID. 1979 (1997, vol. II, p. 429-30, nº 36). Cf. também COSTA, A. D. S. 1967, p. 293-337; ID. 1988, p. 383-403; ID. 1990, vol. I., p. 39-41, 46, 48-60, 415, 687; CARVALHO, M. S. 2002 (2ª ed.), p. 253-77; MEIRINHOS, J. F. 2001, p. 251-2.

intitulado *Horologium fidei*¹⁸. Dividido e comentado em 12 capítulos, o *Credo* apresenta-se como o próprio relógio da fé. O primeiro capítulo, sobre a unidade substancial da Trindade e a natureza da fé, ocupa um terço da obra. Os restantes ocupam-se da divindade de Cristo, da concepção imaculada (comenta a cláusula “Que foi concebido do Espírito Santo, nascido da Virgem Maria”, dependendo sobretudo da exegese bíblica, de Agostinho e de fontes diversas), da encarnação e padecimento de Cristo, da sua ressurreição, do juízo final, dos dons do Espírito Santo, da unidade da Igreja, da graça, da ressurreição dos mortos e, por fim, da bem-aventurança eterna. Entre as suas fontes explícitas não encontramos Duns Escoto, mas sim Guilherme de Ockham uma vez e Francisco de Mayronnes quatro vezes, sobre assuntos genéricos.

André do Prado foi por Sousa Costa considerado escotista¹⁹ por afinidade franciscana e sobretudo por ter composto um compêndio do *Conflatus*, obra de Francisco de Mayronnes, aconchegado com a doutrina do *Doutor Subtil* e de “todos os escotizantes”. É André do Prado que no prólogo assim caracteriza o seu *Liber distinctionum* ou *Spiraculum Francisci Maironis*:

*Ad hunc enim ordinem vel modum me induxit frequens sodalium petitio [...] sed spiraculum hoc opus anotavi quia fere totum spiratum est a Conflatu Francisci Maironis, cuius doctrina fulget ut sol et luna. Hinc enim spirat doctrina Francisci et doctrina doctoris subtilis et Boneti me<tafisici> et omnium scotizantium sub brevi tamen compendio. Hinc enim poterunt novelli studentes flores colligere formalizantium in odore suavitatis*²⁰.

A obra foi portanto composta a pedido de confrades para auxílio dos estudantes, tarefa de que se ocupou, como diz no final do mesmo prólogo, em 1416 no colégio de S. Clemente em Bolonha, depois de ter terminado o curso sobre as *Sentenças* na Universidade de Bolonha. O modo de dicionário de excertos, ou “flores dos formalizantes”, evidencia uma intenção pedagógica e deixa sobretudo ver as leituras e opções doutrinárias de André do Prado, que recolheu a sua matéria nos *escotizantes*. O *Conflatus* de Francisco de Mayronnes é ele próprio um comentário ao Livro I das *Sentenças* de Pedro Lombardo e é nele que se inspira o *Liber distinctionum* de André do Prado. Este está composto por alfabeto (*secundum ordinem alphabeti*), como um florilégio e manual útil para o estudo das *Sentenças*, dedicando atenção diferenciada em extensão aos conceitos centrais para o estudo da teologia e da metafísica, numa orientação de escola explícita e conscientemente escolhida por André²¹. Em cada entrada recolhe excertos quase sempre literais do *Conflatus*, mas também de obras de Duns Escoto, de Boneto e de outros, entretecendo-os por afinidades e complemento, com glosas. O perfil de pensamento parece ser determinado pelo fim

¹⁸ ANDRÉ DO PRADO. 1994. Também o editor se inclina a datar o *Horologium* de c. 1450, período em que André era Vigário Geral da Província Portuguesa da Ordem Franciscana.

¹⁹ COSTA, A. D. S. 1967, p. 293-337.

²⁰ O prólogo está editado a partir do ms. Oxford, Bodleian Library, Canon. Script. Eccl. 398, ff. 1ra-180rb (datado de 1429), em COSTA, A. D. S. 1967, p. 297-9, aqui, p. 298.

²¹ Para uma primeira apresentação do conteúdo do *Spiraculum* e um elenco das entradas filosóficas mais relevantes, cf. CARVALHO, M. S. 2002, p. 272-6.

didáctico do *Spiraculum*, mais do que por algum esquema de síntese doutrinal dos autores coligidos.

Qual terá continuado a ligação de André do Prado ao pensamento de Duns Escoto e seus seguidores entre as datas das duas obras que lhe estão atribuídas (1416 e c. 1450) é algo que nos escapa, nenhuma obra ou documento o testemunha e, como se viu, aquela é uma presença que não se expõe já no *Horologium fidei* senão de modo longínquo²².

João da Silva Menezes (beato Amadeu da Silva)

João da Silva Menezes, depois Amadeu, místico e pregador franciscano com um percurso e uma obra heterodoxos mas muito apreciados no seu tempo pela fama de santidade e exemplo de virtude, apesar de não comparecer nas histórias do escotismo escreveu uma obra visionária onde cita por várias vezes Duns Escoto²³. A biblioteca que legou em testamento continha várias obras do Doutor Subtil e de outros teólogos²⁴. Atribui-se-lhe a *Apocalypsis nova sensum habens apertum et ea que in antiqua Apocalypsi erant intus, hic ponuntur foris, hoc est, que erant abscondita sunt manifesta* é uma extensa obra dividida em VIII *raptus* ou *revelationes* que mereceu recentemente uma edição crítica por Domingos Lucas Dias²⁵. De tal modo se expressa o anjo Gabriel, de cujas revelações Amadeu se faz interlocutor e receptor, que Cornélio a Lapide, um dos censores jesuítas desta obra visionária e por isso suspeita mas também muito admirada no seu tempo, chegou a dizer que *angelus beati Amadei fuit scotista*²⁶.

Desde que foi dada a conhecer em 1502 (vinte anos após a morte do venerado eremita) que a *Apocalypsis nova* é objecto de controvérsia, nomeadamente quanto à autoria, que alguns rejeitam, outros defendem, enquanto outros argumentam pela existência de adulterações de que o texto original terá sido alvo. Para o seu editor a obra é genuína e as variantes dos manuscritos não testemunham adulteração do texto original. Não apenas a obra mas também a vida de Amadeu está atravessada pela lenda. De família nobre, nasceu talvez em Campo Maior c. 1427 (segundo outros teria nascido em Ceuta). Após um percurso mundano e a conversão à vida religiosa, por volta de 1452 pede em Assis a admissão na Ordem Franciscana, abraçando uma

²² Note-se que a identificação do autor do *Horologium* com o autor do *Spiraculum* é relativamente recente e indirecta, cf. COSTA, A. D. S. 1967, p. 295.

²³ LOPES, F. F. 1979 (1997, vol. II, p. 441-2 nº 59); COSTA, A. D. S. s/d, p. 187-205; ID. 1985, p. 169-96; SANTOS, D. M. G. 1933, p. 186-97; VASOLI, C. 1991, p. 61-85; MEIRINHOS, J. F. 2000, p. 197; ver sobretudo a edição da *Apocalypsis nova* citada a seguir.

²⁴ Cit. por COSTA, A. D. S. 1985, p. 226.

²⁵ DIAS, D. L. 2004. O texto latino ocupa 483 páginas, tantas como a trad. portuguesa que o acompanha defronte. A edição não inclui os *Sermones* transmitidos como segunda parte da obra em alguns manuscritos. Veja-se uma lista de manuscritos e bibliografia adicional em *Franciscan Authors, 13th – 18th Century: a Catalogue in Progress* (URL: http://users.bart.nl/~roestb/franciscan/franauta.htm#_Toc427590360; verificado em 4 de Agosto de 2008).

²⁶ Cit. por COSTA, A. D. S. 1985, p. 239.

vida de austeridade que mereceu profunda admiração popular e dos mais nobres, entre os quais Francesco Sforza que foi seu protector enquanto viveu em Milão. Antes, fora ordenado em 1459, mais tarde seria chamado por Sisto IV para seu confessor, vivendo recolhido em Roma na gruta de S. Pietro in Montorio. Ao longo deste tempo com perseverança consegue criar um ramo dentro da Ordem, os Amadeítas, que chegaram a ter 39 conventos, mas que por dissensões internas acabaram sendo integrados na Ordem em 1568.

Com a linguagem intensa e alusiva do arrebatamento profético, Amadeu coloca-se na posição do transmissor das revelações que Deus através do anjo faz ao eleito Amadeu e que este depois de saído do êxtase (descreve o seu estado como “atónito e em êxtase”, VI, p. 323) transmite a um secretário, para que em texto fiquem disponíveis a todos e sobretudo àquele a quem as revelações aparentemente se destinam, o papa. A exegese bíblica e teológica é atravessada por uma intenção pastoral de reforma e unificação da Igreja, com uma importante orientação Mariana.

As citações explícitas de Escoto ocorrem nos *raptus* VI e VII, mas como não se trata de uma obra escolástica ou didáctica, nem de uma obra de escola, Amadeu usa as suas fontes (entre elas encontram-se Escoto, mas também Agostinho, Boaventura, Alexandre de Hales, Tomás de Aquino, Pedro Auréolo, etc.) com liberdade de posição umas vezes seguindo-as outras rejeitando-as. É o anjo que cita estes autores, o qual diz sorrindo que leu e compreendeu as obras de Aristóteles antes mesmo de este as ter escrito (VI, p. 269).

Aquando da discussão da Eucaristia e da alteração dos acidentes do pão, por duas vezes, como realçou o editor (p. LXXVII), Escoto é apresentado sob uma forma elogiosa que não se repete para outros autores. Diz o anjo:

Mas outros, entre os quais se conta um douto da tua Ordem, que se acha aqui pleno de santidade, porque foi o primeiro que desembainhou a espada em defesa da imaculada Conceição da Virgem Mãe e Rainha nossa (e mostrava João, chamado Escoto, por quem se batem escoceses e ingleses), dizem que em ambas as alterações se induz outra substância e que a substância do pão, que deixou de existir, não torna mais²⁷.

Ainda no mesmo *raptus* Escoto viria de novo a ser apresentado como o que de modo mais completo havia contribuído para resolver as dificuldades sobre o corpo do pão e os seus acidentes na Eucaristia, assim colocando os teólogos e os crentes a salvo das críticas dos filósofos:

E porque os vossos teólogos, sobretudo este subtil (e mostrava João Escoto com o diadema dos bem-aventurados na cabeça e com a láurea dos doutores) se esforçaram por mostrar que todas as maravilhas deste sacramento eram, pelo menos possíveis, para que os filósofos vos não censurassem porque acreditáveis não só em falsidades mas em coisas impossíveis [...].²⁸

Nas suas explicações, o anjo vai fazendo desfilar perante o interlocutor em êxtase os próprios teólogos. É no *raptus* VII, sobre a Trindade, que esta presença dos

²⁷ BEATO AMADEU DA SILVA. 2004, p. 267.

²⁸ ID. *op. cit.* p. 293.

teólogos é mais constante, com Escoto a ser regularmente solicitado, em consórcio com Tomás e com Agostinho, de quem o anjo diz que os dois e restantes teólogos receberam boa parte da doutrina da Trindade (VII, p. 338). Amadeu autor faz dialogar o anjo e os teólogos (VII, 339), ou coloca Tomás e Escoto sob a crítica suave do anjo (VII, p. 333-4).

Para averiguar onde termina o recurso literário da invocação de Escoto e dos teólogos e começa uma fundada discussão de doutrina, as dispeculações de Amadeu, sobretudo em VI e VII pela matéria filosófico-teológica envolvida, merecem uma cuidada leitura. Nelas se entrecruzam posições dos teólogos, na maioria dos casos dadas em citação muda, com as quais umas vezes concorda e outras não, como anotou o censor do manuscrito Città del Vaticano, BAV, Barb. Lat. 475, que nas margens dos *raptus* VI e VII escreveu numerosas identificações de autoridades aduzidas ou implícitas, acentuando se Amadeu as segue ou recusa²⁹. De facto, por diversas vezes o censor assinala a singularidade de posições de Amadeu (*opinio nova, contra doctores, nova et diversa* etc.) quando não as encontra em nenhum teólogo ou filósofo, como quando o anjo conclui sobre a criação dos vários céus (I, p. 6-10), ou quando discute o pecado do anjo (II, p. 13-4). Já na discussão do pecado original assinala que prefere Tomás a Escoto (IV, pp. 88-90) e na discussão sobre a unidade de Deus e das suas perfeições rejeita a posição dos que defendem a identidade real das perfeições e a sua simples distinção de razão (o censor identifica esta posição com Tomás de Aquino, Alexandre de Hales, Henrique de Gand e Godofredo de Fontaines), expondo depois a posição, que o anjo também rejeita, da distinção quiditativa e formal dos que defendem que a sabedoria de Deus é anterior a toda a consideração intelectual e que por isso é distinta da natureza, do intelecto e da vontade, posição que segundo o censor seria de Escoto e de Francisco de Mayronnes (VII, p. 327, cf. p. LXXXVII).

A biografia e a obra extravagantes do beato Amadeu deixam-nos algumas perplexidades sobre a sua formação filosófica e teológica, o que também tem alimentado os argumentos que recusam atribuir-lhe a autoria efectiva desta obra. Amadeu faz uso do recorrente *topos* literário da sua ignorância da Teologia para acentuar o carácter revelado da obra e do êxtase em que lhe são feitas as revelações³⁰. Desconhece-se quando e onde poderia Amadeu ter obtido essa formação, mas admitindo que é um autodidacta mergulhado nos seus livros teríamos também explicado a natureza do seu ecletismo. A aproximação a Escoto resultaria da importância que as suas doutrinas vinham a assumir no interior da Ordem Franciscana para a discussão de problemas que ocupavam o centro das disputas teológicas desde há quase século e meio e faziam já a especificidade doutrinal dos menoritas.

²⁹ Cf. DIAS, D. L. 2004, Introd., p. LXXX-LXXXVIII.

³⁰ Diz o interlocutor ao anjo; “Meu senhor, afirmei então, nunca estudei, nem nunca aprendi teologia. Todavia compreendi tudo o que disseste desse supremo e máximo mistério [a unidade dos atributos e das perfeições na Trindade], porque estou a ser ensinado ao mesmo tempo por dentro e por fora” (BEATO AMADEU. 2004, p. 330).

Gomes de Lisboa

Gomes de Lisboa, O.F.M. (Gometius Hispanus; Gometius Portugalensis; Gometius Ulixbonensis) é provavelmente o primeiro português a publicar uma obra sob a inspiração explícita de Duns Escoto. Nasceu em Lisboa c. 1440-50³¹ e talvez tenha estudado no *studium* franciscano de Paris³². Era Bacharel de Teologia antes de 1478 quando residiu no convento da ordem em Florença e aí preparou com Bartholomeu Feltre (de Bellato), a edição revista da *Summa de Casibus* de Astesanus de Asti (editada em Veneza em 1478³³). Em 1482 obtém o grau de mestre em Teologia, talvez ainda em Veneza. Entre 1482 e 1511 foi leitor regente de Teologia em Pavia. Em 1491 escreve a *Quaestio an licita sit institutio montis pietatis*, publicada em Veneza entre 1495 e 1498³⁴.

Em data incerta, mas provavelmente entre 1485 e 1492, publicou nos prelos de Antonio de Carcano em Pavia a “Questão muito útil sobre o sujeito de qualquer ciência, e principalmente da Filosofia Natural” (*Questio perutilis de cuiuscumque scientie subiecto principaliter tamen naturalis philosophie*), obra reeditada em 1517³⁵. Nestas duas edições a obra é impressa juntamente com as *Doctor Subtilis Scoti Quaestiones super libris De anima Aristotelis*, que se discute se serão de Duns Escoto, mas seguramente não são de Gomes de Lisboa. Do curso de 1493-1494, ou mesmo de 10 anos antes, 1483-1484, quando deu um curso sobre a *Metafísica*, procede o comentário *Super quaestiones Metaphysicae Antonii Andreae*³⁶. Têm-lhe sido atribuídas umas *Quaestiones quodlibetales in via Scoti* de que não se conhece o texto e que estariam em manuscrito na biblioteca do convento dos Premonstratenses. Alguns autores citam uma *Lectura super quattuor libros Sententiarum*, que se conservaria em manuscrito na biblioteca do Convento franciscano de Veneza, mas de que também não há qualquer traço. Conhecem-se ainda 5 cartas-prefácio publicadas em diferentes obras³⁷.

³¹ LOPES, F. F. 1979 (1997, vol. II, p. 450-1, nº 88); RIBEIRO, I. S. 1960, p. 223-5. Sobre a vida e obras de Gomes de Lisboa veja-se o notável estudo crítico de D’ORS, A. 2003, p. 95-144, que inclui extensa bibliografia nas p. 125-33, além da edição do opúsculo sobre os montepios e de 5 cartas-prefácio que publicou em obras de outros autores. Informação adicional em NEGRUZZO, S. 1995, p. 180-3.

³² Ao longo da sua carreira, por ordem de Ludovico Sforza, da ordem franciscana e da Universidade de Pavia, Gomes de Lisboa participou em diversos assuntos de natureza administrativa relacionados com a vida universitária ou com a sua ordem religiosa. Foi Vigário geral da Ordem entre 3 de Outubro de 1511 e 14 de Maio de 1513. Em 1512 participou nas sessões iniciais do Concílio de Latrão. Em 1513 terá sido nomeado arcebispo de Nazaré (por Leão X, ou talvez por Júlio II). Morreu no mês de Agosto desse mesmo ano.

³³ ASTESANUS DE ASTI. 1478.

³⁴ FREI GOMES DE LISBOA. *Apologia montium pietatis, seu quaestio an licita sit institutio montis pietatis*, nova ed. em D’ORS, A. 2003, p. 133-7.

³⁵ Cf. FREI GOMES DE LISBOA. 1964. O volume contém uma edição fac-similada do único exemplar conhecido da primeira impressão, seguida de uma edição com tradução portuguesa defronte.

³⁶ Conserva-se manuscrito em Oxford, Bodleian Library, Add. c. 73, ff. 157r-169r, copiado por Thomas Murchius em 1493.

³⁷ Todas estas cartas-prefácio se encontram reeditadas D’ORS, A. 2003, p. 137-40.

Permanecem ainda na obscuridade os comentários sobre as *Questões sobre a Metafísica* de António de André ou os comentários teológicos, por isso o estudo do contributo filosófico de Gomes tem-se centrado na *Questão muito útil*³⁸.

Nesse curto opúsculo Gomes responde a uma solicitação do seu colega e amigo Anselmo Meia e que consiste em tratar a questão do objecto das principais ciências, ou hábitos teóricos, em resposta a uma questão de Nicoletto Vernia, dando a explicação da posição de Aristóteles e em simultâneo fazendo a defesa de Duns Escoto. A “Questão muito útil”, que apesar do título não tem a forma da *quaestio*, é um breve opúsculo com três secções a que o autor chama “artigos”, em cada um dos quais resolve um dos três problemas enumerados nas palavras introdutórias. A *quaestio* é mesmo reformulada nestes termos: “Se segundo a opinião (*sententiam*) do Filósofo e do seu Comentador o corpo móvel é o primeiro sujeito³⁹ da filosofia natural” (p. 40), confrontando-se mais com a exegese corrente de Aristóteles e de Averróis do que com o opúsculo de Vernia. Procurará por isso mostrar onde e como é que interpretam mal os filósofos todos aqueles que defendem que o sujeito da Filosofia Natural ou Física é o corpo móvel. Para uma pergunta que coloca o problema no plano exegético, Gomes avança com um método de autoridade para lhe responder:

Para resolver esta questão, imitarei rigorosamente o subtilíssimo doutor João Escoto, o maior dos aristotélicos⁴⁰.

Valendo-se da versão escotista do aristotelismo, Gomes prepara-se para corrigir certas interpretações e posições. Apenas após determinar o que é o sujeito de uma ciência e qual é o sujeito próprio da Física é aberta a questão geral anunciada no título sobre o modo de determinar o sujeito próprio de cada ciência e o modo de multiplicar (hierarquizar e organizar) as ciências primeiras e as secundárias.

A argumentação parte de uma *ratio* escotista, a continência ou contenção virtual:

a razão própria e formal do sujeito de um hábito científico é conter virtualmente primeiro (*virtualiter primo*) todas as verdades desse hábito cujo sujeito é⁴¹.

Ao longo da obra, Escoto será citado de modo implícito por recurso às suas doutrinas. A questão parte do modo escotista de definir o sujeito de uma ciência (decalcado das discussões sobre o sujeito da Metafísica) para identificar a “substância natural” como primeiro sujeito da Física. O maior confronto com Nicoletto Vernia vem sobretudo de inversão que a definição do sujeito da Metafísica proporciona

³⁸ Cf. a bibliografia publicada por D’ORS, A. 2003, e os estudos de CARVALHO, J. 1949, p. 269-82; SÁ, A. M. de 1983; GONÇALVES, J. C. 2002, 279-95 (retoma o prefácio à edição do *Tratado muito útil*); MEIRINHOS, J. F. 2007, p. 321-442 (nesta secção retomo partes do que aqui escrevi, em particular na introdução e na conclusão).

³⁹ Gomes usa sempre o termo *subjectum*, onde outros autores (por exemplo Escoto) por vezes também usam *objectum*. Aqui segue-se a terminologia de Gomes.

⁴⁰ GOMES DE LISBOA. 1964, p. 40: “*Ad hanc quaestionem dissolvendam imitaturus ad unguem subtilissimum doctorem Ioahnem Schotum summum aristotellicum sic procedam.*”

⁴¹ ID., *op. cit.* p. 40: “[...] *ratio propria et formalis subiecti habitus scientifici est continere virtualiter primo omnes veritates istius habitus cuius est subiectum.*”

e dos modos de definir o objecto de uma ciência, que num princípio de economia Gomes reduz de 8 para um, basicamente o princípio da contenção virtual. A teoria escotista da contenção virtual, conjugada com a teoria da inferência, coloca a Metafísica como primeira das ciências, no sentido em que as restantes ciências teóricas principais não são senão uma derivação daquela porque estudam modos particulares do ente. Desse modo não é só a Teologia que fica impedida de ser considerada uma ciência teórica, é a Metafísica que dispensa também o contributo da Física para a definição do seu objecto primeiro, ao contrário do que pretendiam Averróis e os seus seguidores. A determinação do sujeito da Metafísica (o ente enquanto ente e as suas paixões transcendentais) enquanto razão formal a partir da qual considera tudo o que está contido no seu objecto, permite reorganizar também a relação entre as ciências teóricas, que não estão separadas por intangibilidade dos seus sujeitos, mas justamente dependem de modo orgânico e genético da Metafísica, que assume a função de ciência primeira na ordem ontológica e na ordem do conhecimento. Tendo presente que este é um texto de debate, Gomes de Lisboa a cada momento fundamenta as posições expostas na autoridade, isto é, nos textos de Aristóteles e Averróis, justamente como o havia feito Nicoletto Vernia, mas interpretando-os à luz da via de Duns Escoto, “o maior dos aristotélicos”, sem deixar de conhecer e referir textos de António de André. O escotismo aqui presente é um recurso para determinar a melhor solução para um problema interno às correntes aristotelizantes, optando por uma das suas variantes contra outra.

O contorno do perfil escotista do pensamento de Gomes de Lisboa apenas ficará mais definido quando for submetida à análise o texto sobre as *Questões sobre a Metafísica* de António de André.

Diogo Lopes Rebelo

Mestre Diogo Lopes Rebelo (Jacobus Lupi)⁴², bacharel em Teologia, publicou em Paris c. de 1496 a obra *De Republica gubernanda per Regem*⁴³, um regimento de príncipes ou espelho de reis. Nele procura legitimar o modelo de governação do rei Manuel I, a quem a obra é dedicada, colhendo em Platão, em Aristóteles e nos doutores da cristandade o principal da doutrina sobre a natureza da república e do poder e educação do monarca, acomodados com autoridades da Escritura para que a doutrina resulte mais sólida e ponderosa⁴⁴. Sobre as doutrinas das virtudes, onde segue Aristóteles, Cícero e a tratadística cristã, nota uma subtil diferença entre Duns Escoto e Aristóteles por aquele defender que cada virtude moral tem a sua prudência regulativa, sendo estas tantas quantas as virtudes morais⁴⁵. Também o elogio da coragem altruísta do “morrer pela pátria”, o risco de morte do cidadão que enfrenta

⁴² Cfr. CALAFATE, P. 2002, p. 451-8, bem como a introdução à obra citada na nota seguinte, estudos que se ocupam apenas do pensamento político do autor.

⁴³ DIOGO LOPES REBELO. 1951 (inclui ed. fac-similada, transcrição e tradução).

⁴⁴ ID. *op. cit.*, Introd., p. 52.

⁴⁵ ID. *op. cit.* c. 5, sobre a prudência, p. 78.

ou suporta “golpes e perigos, para que a majestade do rei não seja ofendida” é sustentado na autoridade de Duns Escoto:

É melhor para cada um exercer tal acto de fortaleza (*fortitudinis*), embora morra nele, do que desistir de tal acto e viver com nota de infâmia e de torpeza, como bem engenhosamente (*bene ingeniose*) trata Escoto, Doutor Subtil, no quarto livro das *Sentenças*⁴⁶.

Ainda na defesa política da inatacabilidade do rei, recusa o tiranicídio, defendendo que “não é permitido nem causar nem desejar a morte corporal do tirano”, não só porque ele é rei natural, mas também porque, recorrendo à autoridade de Duns Escoto, sendo o tirano autor de perseguições “é frequentemente para os eleitos motivo de perfeição nas virtudes”⁴⁷.

Pouco tempo antes (c. 1493 a 1495) ou mesmo algum tempo depois (c. 1498), Diogo Lopes Rebelo publica também em Paris o *Tractatus de productionibus personarum*⁴⁸, obra “*secundum mentem Scoti*”⁴⁹ em que segue sobretudo o *Primeiro livro das Sentenças*, como explicitamente afirma: “digo de acordo com Escoto no *Primeiro*, cuja doutrina sigo neste tratado”⁵⁰. Depois de brevemente identificar a matéria em discussão, v.g. a produção das pessoas no divino e a produção divina *ad extra*, e de expor o que há em Deus (*perfectiones simpliciter et essentialia et attributa et notionalia et personalia*), organiza o tratado em notas de doutrina de que extrai proposições e corolários que vai encadeando de um modo nem sempre evidente ou explícito.

Coligindo no texto de Duns Escoto e na sua tradição escolar, Diogo Lopes Rebelo percorre em modo axiomático as ramificações do problema que se tinha proposto. Reafirma em conclusão a unidade na essência e a trindade das pessoas divinas e teoriza a produção *ad intra* e *ad extra*, onde as doutrinas da causalidade e da univocidade do ser têm papel fundamental.

⁴⁶ ID. *op. cit.* c. 13, sobre o amor e amizade do rei aos seus e destes ao rei, p. 156.

⁴⁷ ID. *op. cit.*, c. 14, sobre os impostos e tributos dos súbditos ao rei, p. 166: “*haec est sententia doctoris subtilis Scoti, in suo tertio Sententiarum, distinctione XXX*”.

⁴⁸ O curto tratado foi triplamente editado em fac-simile, seguido de transcrição e tradução a p. 231-321 de DIOGO LOPES REBELO *Do governo da República pelo rei (De republica gubernanda per regem)*, 2000 (a edição do *De Republica* retoma em fac-simile a ed. citada atrás).

⁴⁹ Cfr. o colophon: “*Feliciter explicit tractatus de productionibus personarum in divinis secundum mentem Scoti, editus per magistrum Jacobum Lupi theologiae bachalarium*”, DIOGO LOPES REBELO. 2000, p. 320. Cf. também p. 312. Nesta obra é notada a presença de Anselmo (p. 258), de Dionísio pseudo-Areopagita (260), Agostinho (262, 268, 276, 280, 290, etc.), Pedro Lombardo (passim), Aristóteles (passim), Boaventura (302) e um certo distanciamento em relação a Tomás (264-6: “*illud dictum sancti Thomae non est verum*”), a Henrique de Gand (286: “*satis patet eum non bene dixisse*”) e a Francisco de Mayronnes (p. 314, onde o põe ao lado de Tomás e Henrique de Gand).

⁵⁰ ID. *op. cit.*, p. 292. Na p. 272 havia qualificado como belo e engenhoso o modo como Escoto argumentava a distinção 13 do *Primeiro livro das Sentenças*: “*pulchre quam ingeniose pertractat Scotus in 13 distinctione Primi*”; com esta expressão, Diogo remete para o comentário ao livro das *Sentenças* e não para o tratado sobre o *Primeiro Princípio*, como escreve o tradutor em todas as ocorrências: p. 276, 280 in fine (“*secundum Scotum in primo et in quarto et in prima distinctione*”), 300 (*secundum Scotum in Primo, distinctione quinta*), 304 (“*secundum Scotum in prima distinctione secundi, quaestione prima*”).

Pedro da Cruz Hispano Portugalense

O último dos portugueses a publicar a uma obra *in Via Scoti* no século XV foi Pedro da Cruz, um hispano portugalense, minorita Conventual sobre o qual temos poucas referências documentais, a não ser que viveu nos conventos da Ordem em Veneza e Milão entre 1488 e 1494⁵¹. Como autor teve importância na difusão do comentário escotista de João do Monte sobre o *Tractatus* ou *Summulae logicales* do seu homónimo Pedro Hispano. Este comentário era um dos muitos que então circulavam nas universidades, havendo-os para todas as vias: albertistas, tomistas, nominalistas, escotistas⁵². A lógica era justamente um dos campos de combate doutrinal que separava as diferentes vias, ao mesmo tempo que se multiplicavam também as tentativas de conciliar todas as vias em comentários do manual por excelência para introdução ao estudo da ‘velha’ e da ‘nova’ lógicas⁵³. De facto Pedro da Cruz foi o responsável pela edição parisiense de 1500 do comentário de João de Monte, impressa *per magistrum* Iohannem Hertzog de Landoia (com reedição em 1526)⁵⁴. Não é perceptível a sua intervenção como editor. A associação de Pedro da Cruz a esta edição e ao escotismo justifica-se sobretudo pelo opúsculo que inseriu no final do volume *Quaestio valde notabilis nusquam tot retro seculis visa, de ratione subiecti primi scientiae secundum Iohannem Scotum an ad entia rationis extendatur*, questão a que imediatamente antes de a iniciar dá o título *Utrum syllogismus simpliciter sit primum subiectum librum Summularum Petri Hispani*⁵⁵. Na breve carta introdutória recorda que em Veneza explicara os comentários de Escoto sobre as *Categorias* e sobre o *Da interpretação*. Assente no princípio escotista da *ratio* do sujeito da ciência primeira, que é *continere in se primo virtualiter omnis veritatis illius habitus cuius est subiectum primum*, a discussão avança para mostrar que no silogismo, dada a razão comum do próprio silogismo, se contém virtualmente quer o tratamento da demonstração quer o tratamento das propriedades dos termos. A conclusão será a que avançara *probabiliter* no início da resposta: *syllogismus simpliciter est totius huius libri primum subiectum*. Inferimos da conclusão que as *Summulae logicales* e o comentário de João de Monte abarcam tudo o que é próprio à ciência da lógica: demonstração e propriedades dos termos. Antes da conclusão começara por

⁵¹ Cfr. LOPES, F. F. 1979 (1997, vol. II, p. 448-9, nº 86). Toda a informação sobre o autor foi coligida e estudada por D’ORS, A. 2001, p.109-45.

⁵² Para um catálogo incompleto das edições e comentários ao *Tractatus/Summulae logicales* de Pedro Hispano, entre os quais se encontram alguns escotistas, cf. MULLALLY, J. P. 1960, p. 133-58; e também FERREIRA, J. 1952, p. 360-94; sobre esta obra e a sua difusão, cf. MEIRINHOS, J. F. 2002, p. 331-75.

⁵³ Sobre o *Tractatus* na querela das vias ver por exemplo BRAAKHUIS, H. A. G. 1989, p. 1-18. Sobre o escotismo na querela das vias, SCHMUTZ, J. 2002, p. 55.

⁵⁴ “(...) *Magistri Ioannis de Monte Summularum parisiensium secundum viam doctoris subtilis Magistri Ioannis Scoti Petri Hispani ab eximio atrium et sacrarum litterarum doctore parisiensi excellentissimo magistro Ioanne de Monte Parisius olim editum per reverendum sacre Theologie doctorem clarissimum magistrum Petrum de Cruce Portum galicum maxima cum diligentia et labore castigatum atque a plurima incorreptione qua bene irretitum perfecte emendatum per Albertinum Vercellensem, una cum epistola ad prefatum magistrum Iohannem de Monte et questione de subiecto huius libri in fine. Venetiis impressioni deditum anno domini MCCCCC die decima Ianuarii*. Descrição da edição e de exemplares existentes, em FARIA, F. L. 1977, p. 250-1, 267-8, 373

⁵⁵ Paris 1500, na ed. citada na nota anterior; a obra foi reeditada por D’ORS, A. 2001, p. 133-45.

discutir a argumentação pressupondo, contra Egidio Romano, que a lógica é uma ciência e não uma arte (se fosse apenas arte não seria necessário indagar qual a razão do seu objecto porque esse é próprio da ciência e não da arte), passo adequado para discutir a natureza da demonstração na lógica e da teoria do conhecimento causado no intelecto. A *quaestio* é antes de mais um exercício de escola assente na autoridade e na razão em que a autoridade e as premissas dos argumentos de razão assentam apenas em obras de Duns Escoto, que Pedro se compraz em citar com precisão a cada passo.

Conclusões e continuação

O que em primeiro lugar ressalta deste percurso breve pelos escotistas portugueses, conhecidos dos séculos XIV e XV, é o seu reduzido número e a ausência de qualquer mestre da universidade portuguesa que neste longo período se tivesse destacado pelas posições escotistas (na verdade a mesma ausência acontece para as outras vias e ciências). De um modo positivo caracteriza-os a sua pertença ou proximidade à Ordem Franciscana, o facto de terem todos estudado, escrito e publicado as suas obras em cidades francesas ou italianas⁵⁶. E encontrarmos mais autores na última década do século XV que nos dois séculos anteriores, o que mostra o crescendo da influência de Duns Escoto que se segue à generalização da imprensa.

Destes autores, nenhum é um escotista de estrita observância, todos são leitores de expressão eclética. Em todos encontramos o recurso a Escoto ou como uma variante de apropriação do aristotelismo, ou para resolver com escasso desenvolvimento problemas já discutidos. Caracteriza-os uma propensão de escola para repetir posições, mais que um pretexto para reformular problemas ou criar pensamento. O escotismo confirma desse modo a sua versatilidade para uma grande variedade de necessidades teóricas, em filosofia, em teologia, em política, em epistemologia, em teoria da ciência. Dispersos como são entre si nos percursos e nos problemas tratados, seria vão esperar uma especificidade lusitana no escotismo destes autores. Não os une uma escola local, mas é a riqueza do largo leque temático que os autores referidos testemunham, ocupando-se cada um deles de um domínio muito restrito nas suas obras que, aparte as “revelações” de beato Amadeu, têm sempre a dimensão de pequenos opúsculos.

O período de apogeu da influência do escotismo em Portugal (que, diga-se, foi sempre menor que a do tomismo) ocorre na universidade portuguesa após a sua refundação em 1537 por D. João III, no período da chamada segunda escolástica (c. 1537-1772). Neste período de instalação da Universidade em Coimbra, na Faculdade de Teologia existia uma “cátedra de noa” dedicada ao estudo da teologia segundo

⁵⁶ Pedro Margalho publicou em Salamanca em 1520 uma obra eclética de conciliação das vias tomista, escotista, nominalista (omitindo por isso a referência a qualquer delas ao longo da obra), para o ensino da lógica, cf. PETRI MARGALLI. 1965. Sobre o autor cf. SOARES, L. R. 2000; GONÇALVES, J. C. 2002 p. 387-98. XAVIER, M. L. 2002, p. 399-428.

os ensinamento de João Duns Escoto⁵⁷, que foi sempre menos frequentada que a *cathedra de prima*, onde se seguia Tomás de Aquino, em particular a *Summa Theologiae*. Devido à observância franciscana, que até meados do século XVIII proibia que os seus professores tomassem graus académicos excepto os que recebiam nas escolas da Ordem, estes não podiam opor-se aos concursos para regência nos cursos das escolas oficiais, nomeadamente na Universidade. Em consequência, a regência da *cathedra de noa* esteve sempre entregue “a lentes isentos de formação escotisto-franciscana, provindo de outras áreas regulares”⁵⁸.

Daquela *cathedra de noa* resultaram inúmeros cursos, comentários e postillas *ad mentem Scoti*, que permanecem inéditos em manuscrito⁵⁹. E a existência dessa cátedra explica a edição em 1606 em Coimbra por frei João da Encarnação do *Scriptum in Librum Primum Sententiarum Magistri Petri Lombardi* de Duns Escoto⁶⁰. E é neste período de apogeu lusitano do pensamento escolástico que anda por Portugal, estudando nos conventos franciscanos de Leça da Palmeira, de Leiria e de Lisboa e na Universidade de Coimbra entre 1610 e 1613, um jovem irlandês que se tornaria um editor e um bibliógrafo de importância determinante para a ordem franciscana: Lucas Wadding (1588-1657)⁶¹. Apesar de na nota *Ad lectorem* que escreveu no volume I da sua notável edição dos *Opera omnia* de Duns Escoto, em 12 volumes publicados em Lyon em 1639, não chegar a referir explicitamente o seu percurso lusitano, Lucas Wadding é sem dúvida o mais notável de todos os escotistas associados a Portugal, pela importância extraordinária que esta edição assumiu na difusão da obra de Duns Escoto e que estaria ainda na base da edição Vivès em 26 volumes em Paris, entre 1891 e 1895.

Apesar da atenção dos historiadores da filosofia se ter concentrado sobretudo no curso aristotélico dos jesuítas de Coimbra, o início da Idade Moderna é o de mais rica produção filosófica em Portugal. Os mestres desse período de quase dois séculos deixaram uma imensa literatura de manuais, comentários e lições ainda por explorar. Foram seguramente estes manuais e cursos, sobretudo tomistas e escotistas, quase sempre centrados em Aristóteles para a Filosofia e em Pedro Lombardo para a Teologia, que estiveram na base do primeiro ensino filosófico e teológico no Brasil, trazidos no saber e ou na bagagem de mestres, teólogos, pregadores e evangelizadores portugueses ou de outras nacionalidades. Também no Brasil se encontrarão certamente exemplos da utilização destes manuais e aguarda-se ainda o seu estudo na relação com o ensino então ministrado nas universidades de Coimbra ou de Évora.

⁵⁷ Cf. LOPES, F. F. 1951 (1997, vol. II, p. 385-405); ID. 1966 (1997, vol. II, p. 473-534), onde a p. 480-98 se apresentam os lentes da cadeira de Escoto.

⁵⁸ PINHARANDA GOMES, J. 2004, p. 120 (s.v. “Escotismo”).

⁵⁹ Cf. SANTOS, M. A. M. 1951; STEGMÜLLER, F. 1959; COSTA, M. G. 1978.

⁶⁰ *Reverendi Fratris Ioannis Duns Scoti Ordinis Minorum, Doctoris Subtilissimi, et Theologorum omnium facile Principis, Oxoniense Scriptum in Librum Primum Sententiarum Magistri Petri Lombardi, nunc primo ordinatum et expurgatum per Fratrem Ioannem ab Incarnatione Olyssiponensem, eiusdem Ordinis presbyterum et sacrae Theologiae emeritum Praelectorem. Conimbricæ, 1609, typis Didacus Gomes Loreyro*. Agradeço a Cléber Dias ter-me chamado a atenção para esta edição.

⁶¹ Sobre o percurso português de Wadding, LOPES, F. F. 1997, vol. II, p. 56, n. 89. Sobre o frade irlandês e as suas obras, ver: CLEARY, G. 1925; ID. 1957; MOONEY, C. 1958, 225-39.

Bibliografia

- ANDRÉ DO PRADO. *Horologium fidei. Diálogo com o infante D. Henrique*. Edição do ms. Vat. lat. 1068, edição, tradução e notas por A. A. Nascimento, (Col. Mare liberum) Comissão Nacional para os Descobrimientos Portugueses – Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1994.
- _____. *Liber distinctionum seu Spiraculum Francisci Maironis* (Oxford. Bodleian Library, Cânon. Script. Eccl. 398, ff. 1 ra-180 rb).
- ASTESANUS DE ASTI. *Summa de Casibus per Fratrem Astesanum de Ast. Maxima cura et sollicitudine famosissimi sacre theologie magistri fratris Bartholomei de Bellat de feltro circa turis collationes necnon fratris Cometij hispani de Ulyxbona provincia Portugalie sacre theologie bacchalarij clarissimi in conventu Venetiarum circa residuum*, Venitiae 1478.
- BEATO AMADEU DA SILVA. *Apocalipsis Nova – Nova Apocalipse*, ed., fixação do texto, trad., intr. e notas de D. L. Dias (Dissert. de doutoramento). Lisboa: Universidade Aberta, 2004.
- BOULNOIS, O. (Org.). *Duns Scot au XVII^e siècle – I. L'objet e sa métaphysique. Les Études Philosophiques*, n^o 1 (jan-mar 2002) – II: *La cohérence des subtils*, ibidem, n^o 2 (avr.-juin 2002). Paris: PUF
- BRAAKHUIS, H. A. G. “School Philosophy and Philosophical Schools. The Semantic-Ontological View in the Cologne Commentaries on Peter of Spain and the *Wegestreit*”. In: ZIMMERMANN, A. (Hrg.). *Die Kölner Universität im Mittelalter. Geistige Wurzeln und Soziale Wirklichkeit*, (Miscellanea Mediaevalia, 20) Berlin-New York: W. de Gruyter, 1989, p. 1-18.
- CALAFATE, P. “Diogo Lopes Rebelo”. In: ID. (ed.). *História do pensamento filosófico português*, vol. I: *Idade Média*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002 (2^a ed.), p. 451-8.
- CARVALHO, M. S. “Frei André do Prado”. In: CALAFATE, P. (ed.). *História do pensamento filosófico português I Idade Média*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002 (2^a ed.), p. 253-77.
- CARVALHO, J. de “Gomes de Lisboa e o averroísta Nicoletto Vernia”. In: ID. *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XV*. Coimbra: 1949, 269-82.
- CLEARY, G. *Father Luke Wadding and St. Isidore's College in Rome. Biographical and Historical Notes and Documents*. Roma 1925.
- _____. *Father Luke Wadding. Commemorative Volume*. Dublin: The Franciscan Fathers (Dun Mhuire, Killiney), 1957.
- COSTA, A. D. S. “Beato Amadeu”. In: H. CIDADE (dir.). *Os grandes portugueses*, 2 vol., Arcádia. Lisboa: s/d, vol. I, p. 187-205.
- _____. “Due Sermones sui concili ecumenici dei teologi portoghesi del secolo XV: fra Andrea Dias e fra Andrea do Prado”. In: LINEHAN, P. (ed.). *Proceedings of the 7th International Congress of Medieval Canon Law, Cambridge 1984*. Città del Vaticano, 1988, p. 383-403.
- _____. *Portugueses no Colégio de S. Clemente e Universidade de Bolonha durante o século XV*, 2 vol. Bologna, 1990, vol. I., p. 39-41, 46, 48-60, 415, 687.
- _____. “Mestre Frei André do Prado, desconhecido escotista português do século XV”. *Revista Portuguesa de Filosofia*, 23 (1967), p. 293-337.
- _____. “Studio critico e documenti inediti sulla vita del Beato Amadeu da Silva. Nel quinto centenario della morte”. In: I. VASQUEZ JANEIRO, I. (ed.). *Noscere Sancta. Studi in memoria di Agostino Amore*. Roma: Ed. Antonianum, 1985, vol. I, 169-96.
- COSTA, M. G. *Inéditos de Filosofia em Portugal*. Braga 1978.
- DIAS, D. L. *Beato Amadeu da Silva, Apocalipsis Nova – Nova Apocalipse*, edição crítica, fixação do texto, tradução, introdução e notas, Dissert. de doutoramento. Lisboa: Universidade Aberta, 2004, 483 p.

DIOGO LOPES REBELO. *Do governo da República pelo rei (De republica gubernanda per regem)*, ed. e trad. M. P. de MENESES, Introd. e notas de A. M. SÁ. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura, 1951.

_____. *Tractatus de productionibus personarum*. Triplamente editado em fac-símile, seguido de transcrição e tradução a p. 231-321 do volume Diogo Lopes Rebelo, *Do governo da República pelo rei (De republica gubernanda per regem), Tratado das produções das pessoas [divinas] (Tractatus de productionibus personarum [in divinis])*, com trad. M. P. de MENESES, introd. de M. C. de MATOS. Lisboa: Edições da Távola Redonda, 2000.

D'ORS, A. "Gometius Hispanus Ulixbonensis O.F.M.Conv. (†1513)". *Análise*, 24 (2003), p. 95-144.

_____. "Petrus de Cruce Hispanus Portugalensis". *Análise*, 22 (2001) 109-145.

Encyclopédie, ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers, dir. D. Diderot, Paris 1751-1772 (1ª ed.) vol. 14 (1765), art. "Scholastiques", p. 770-7.

FARIA, F. L. *Estudos bibliográficos sobre Damião de Gois e a sua época*. Lisboa, 1977, p. 250-1, 267-8, 373.

FERREIRA, J. "As *Súmulas Lógicas* de Pedro Hispano e os seus comentadores". *Colectânea de Estudos* (2ª série) 3 (1952), p. 360-94.

FREITAS, M. C. "Escotismo em Portugal". In: *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa: Ed. Verbo, 1990, vol. II, col. 184-9.

GOMES DE LISBOA, FREI. *Apologia montium pietatis, seu quaestio an licita sit institutio montis pietatis*. Nova ed. em D'ORS, A., 2003, p. 133-7.

_____. *Questão muito útil sobre o objecto de qualquer ciência e principalmente da filosofia natural (Quaestio perutilis de cuiuscumque scientie subiecto, principaliter tamen naturalis philosophiae)*, estabelecimento do texto e trad. de M. Pinto de Meneses, Introd. J. C. Gonçalves. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1964.

_____. *Super quaestiones Metaphysicae Antonii Andreae* (Oxford, Bodleian Library, Add. c. 73, ff. 157r-169r)

_____. e BARTOLOMEU DE FELTRE (ed.). *Summa de Casibus per Fratrem Astesanum de Ast. Maxima cura et sollicitudine famosissimi sacre theologie magistri fratris Bartholomei de Bellat de feltro circa iuris collationes necnon fratris Cometij hispani de Ulyxbona provincia Portugalie sacre theologie bacchalarij clarissimi in conventu Venetiarum circa residuum*, Venetiae, 1478.

GONÇALVES, J. C. "A física em Pedro Margallo". In: CALAFATE, P. (ed.). *História do pensamento filosófico português*, vol. II: *Renascimento e Contra-Reforma*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002 (2ª ed.), p. 399-428.

_____. "Frei Gomes de Lisboa". In: CALAFATE, P. (ed.). *História do pensamento filosófico português*, I *Idade Média*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002 (2ª ed.), p. 279-95.

LONGPRÉ, E. "Le bx. Jean Duns Scot: Pour le Saint Siège et contre le gallicanisme (25-28 juin 1303)". *La France franciscaine*, 11 (1928), p. 137-62.

LOPES, F. F. OFM. *Colectânea de estudos de História e Literatura*. 3 vol. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1997.

_____. "À volta de Fr. André do Prado (século XV)". *Colectânea de estudos*, 2 (1951), p. 121-32

_____. "As doutrinas escotistas na cultura e escolas de Portugal". *Revista Portuguesa de Filosofia*, 23 (1967), p. 17-45 (reed. em *Colectânea de estudos*, op. cit., vol. II, p. 461-72).

_____. "Escolas públicas dos franciscanos em Portugal até 1308". *Colectânea de estudos*, 2 (1947), p. 83-108 (reed. em *Colectânea de estudos de História e Literatura*, op. cit., vol. II, p. 353-69).

_____. "Franciscanos de Portugal antes de formarem província independente e provinciais a que obedeciam". *Archivo Ibero-Americano* 45 (1985), p. 349-450 (reed. em *Colectânea de estudos*, op. cit., vol. II, p. 1-93)

- _____. “Franciscanos portugueses pretridentinos. Escritores, mestres e leitores”. *Repertorio de historia de las ciencias eclesiásticas en España*, 7 (1979), p. 451-508 (reed. em *Colectânea de estudos*, op. cit., vol. II, p. 407-60).
- _____. “O ensino das doutrinas de Escoto na Universidade de Coimbra”. *Itinerarium* 12 (1966), p. 193-264 (reed. em *Colectânea de estudos*, op., cit., vol. II, p. 473-534).
- _____. “Os estudos entre os franciscanos portugueses no séc. XVI”. *Colectânea de estudos*, IIª série, 2 (1951), p. 155-91 (reed. em *Colectânea de estudos de História e Literatura*, op. cit., vol. II, p. 385-405).
- MEIRINHOS, J. F. “Amadeus Silvae Meneses O.F.M.”. In: *Compendium Auctorum Latinorum Medii Aevi (500-1500)*, fasc. 2 *Agobardus Lugdunensis archiep.* – *Anasthasius Bibliothecarius*. Firenze: SISMEL-Edizioni del Galuzzo, 2000.
- _____. “Andreas de Prato O.F.M.”. In: *Compendium Auctorum Latinorum Medii Aevi (500-1500)*, fasc. 3: *Anasthasius Montis Sancti Michaelis abb.* – *Anthonijs Galatheus*, SISMEL-Edizioni del Galuzzo. Firenze: 2001, p. 251-52.
- _____. “Metaphysics and the *modus multiplicandi scientias* in the *Questio perutilis de cuiuscumque scientie subiecto* by Gomes of Lisbon (c. 1497)”. In: PICH, R. H. (ed.). *New Essays on Metaphysics as Scientia transcendens*. Louvain-la-Neuve: FIDEM, 2007, p. 321-442.
- _____. “Pedro Hispano e a lógica”. In: CALAFATE, P. (ed.). *História do pensamento filosófico português*, vol. I, Lisboa: Circulo de Leitores, 2002 (2ª ed.), p. 331-75.
- MOONEY, C. “The Writings of Father Luke Wadding, OFM”. *Franciscan Studies*, 18 (1958), p. 225-39.
- MULLALLY, J. P. *The Summulae logicales of Peter of Spain*. Notre Dame (Indiana): The University of Notre Dame, 1945, reimpr. 1960, p. 133-58.
- NEGRUZZO, S. *Theologiam discere et docere: la facoltà teologica di Pavia nel XVI secolo*, presentazione di X. Toscani, (Fonti e studi per la storia dell'Università di Pavia, 23), Bologna-Milano: Cisalpino, 1995, p. 180-183.
- Oxford. Bodleian Library, Add. c. 73, ff. 157r-169r.
- PEDRO DA CRUZ. *Questio valde notabilis nusquam tot retro seculis visa, de ratione subiecti primi scientiae secundum Iohannem Scotum an ad entia rationis extendatur*.
- PEDRO MARGALLO. *Petri Margalli Logices utriusque scholia in divi Thomae subtilisque Duns doctrina ac nominalium*, Salamanca 1520 (reed. e trad. M. P. de MENESES, Introd. W. RISSE, Lisboa: Instituto para a Alta Cultura, 1965).
- PINHARANDA GOMES, J. “Escotismo”. In: *Dicionário de filosofia portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 2004², s.v., p. 116-22.
- PINI, G. “Scotistic Aristotelianism: Antonius Andreas’ “Expositio” and “Quaestiones” on the Metaphysics”. In: SILEO, L. (ed.). *Via Scoti. Methodologica ad mentem Joannis Duns Scoti*. Roma: Antonianum, vol. I, p. 375-89.
- RIBEIRO, I. S. “Autores Franciscanos Portugueses (filósofo-teólogos) do século XV”. *Itinerarium* (1960), p. 223-5.
- RUZZO, S. *Theologiam discere et docere: la facoltà teologica di Pavia nel XVI secolo*, apresentação di X. Toscani (Fonti e studi per la storia dell'Università di Pavia, 23). Bologna-Milano: Cisalpino, 1995.
- SÁ, A. M. de. *Humanistas portuguesas em Itália. Subsídios para o estudo de Frei Gomes de Lisboa, dos dois Luises Teixeiras, de João de Barros e de Henrique Caiado*. Lisboa 1983.
- SANTOS, D. M. G. “A lenda amorosa do Beato Amadeu”. *Brotéria* 17 (1933), p. 186-97.
- SANTOS, M. A. M. *Manuscritos de Filosofia do século XVI existentes em Lisboa (Catálogo)*, Biblioteca da Universidade, Coimbra 1951.

- SCHMUTZ, J. “L’héritage des Subtils. Cartographie du scotisme à l’âge classique”. *Les Études philosophiques*, 1/2002, p. 51-81.
- SILEO, L. (ed.), *Via Scoti. Methodologica ad mentem Joannis Duns Scoti. Atti del Congresso Scotistico internazionale, Roma 9-11 marzo 1993*, 2 vol., PAA – Roma: Ed. Antonianum, 1995.
- SOARES, L. R. *Pedro Margalho*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.
- SONDAG, G. (trad. et introd.). *Jean Duns Scot, La théologie comme science pratique. Prologue de la Lectura*. Paris: Vrin, 1996.
- STEGMÜLLER, F. *Filosofia e teologia nas universidades de Coimbra e Évora no século XVI*. Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos, 1959.
- VASOLI, C. “L’influenza di Gioacchino da Fiore sul profetismo italiano della fine del Quattrocento e del primo Cinquecento”. In: POTESÀ, G. L. (ed.). *Il profetismo gioachimita tra Quattrocento e Cinquecento. Atti del III Congresso Internazionale di Studi Gioachimiti, S. Giovanni in Fiore, 17-21 settembre 1989*. Genova: 1991, p. 61-85.
- XAVIER, M. L. “Para a história da lógica no século XVI: Pedro Margalho e António de Gouveia”. In: CALAFATE, P. (ed.). *História do pensamento filosófico português II: Renascimento e Contra-Reforma*. 2ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002, p. 399-428.